

## “Saques em Massa: A Crise da Confiança e Seus Impactos na Economia”



*“Em Moçambique que somos iguais perante a lei isso é Utopia”*  
alerta Pesquisador Baltazar Fael



### OPINIÕES

## Lutar por uma Causa, Não pela Violência

## Os Apitos da Revolta

## O AZUL DO ÍNDICO

## Uma realidade vergonhosa E de profunda tristeza

## “Saques em Massa: A Crise da Confiança e Seus Impactos na Economia”



Nos dias 24 e 25 de dezembro de 2024, a cidade da Matola, na Província de Maputo, foi abalada por um saque violento em um complexo de armazéns. Este incidente não apenas resultou pela perda de bens materiais, mas também deixou um rastro de dor e desespero entre as famílias que buscam por seus entes queridos.

O saque ocorreu em um momento crítico, quando a segurança na região já era uma preocupação crescente. A Matola, uma área densamente povoada, enfrenta desafios relacionados à criminalidade, e este incidente é um reflexo das tensões sociais e económicas que afectam a comunidade. A falta de oportunidades e a desigualdade social podem ter contribuído para a escalada da violência, levando indivíduos a cometerem actos desesperados.

Após o saque, muitas famílias se reuniram no local em busca de informações sobre seus entes queridos. A angústia é palpável, com relatos de pessoas que não conseguem encontrar seus familiares, aumentando a sensação de insegurança e desamparo. As autoridades locais foram acionadas, mas a incerteza sobre o para-

deiro das vítimas gera um clima de ansiedade e medo.

As autoridades policiais estão investigando o caso, mas a falta de informações concretas sobre os criminosos e a recuperação dos bens saqueados tem gerado frustração na comunidade. A polícia tem realizado patrulhas na área e convocado reuniões com líderes comunitários para discutir estratégias de segurança. No entanto, muitos moradores sentem que as medidas tomadas ainda são insuficientes para garantir a segurança pública.

A comunidade da Matola está se mobilizando para exigir mais segurança e apoio das autoridades. Grupos de moradores têm se organizado para patrulhar nas ruas e proteger suas casas, demonstrando um forte senso de solidariedade. Para além disso, há um clamor por políticas públicas que abordem as causas subjacentes da criminalidade, como a pobreza e a falta de acesso a serviços básicos.

O saque na Matola é um lembrete sombrio da fragilidade da segurança em muitas comunidades. A busca por

justiça e segurança é uma prioridade para os moradores, que esperam que as autoridades tomem medidas eficazes para prevenir futuros incidentes. A colaboração entre a comunidade e as forças de segurança será crucial para restaurar a confiança e a paz na região. A situação actual exige não apenas uma resposta imediata, mas também um compromisso a longo prazo para enfrentar as questões sociais que alimentam a violência.



## “Em Moçambique que somos iguais perante a lei isso é Utopia” alerta Pesquisador Baltazar Fael



No âmbito do balanço de final do ano 2024, o analista da sociedade civil considera que todos somos culpados pela perda de vidas humanas independentemente do seu partido, congregação religiosa, por todos aqueles que perderam a vida no âmbito das manifestações e da revolta popular em Moçambique. Toda sociedade deve ser considerada culpada, pós algo teria sido feito para evitar ou minimizar a situação, seja o legislativo, tribunais e os governos sucessivos do partido Frelimo se calhar devia ter tido uma agenda de governação que passado cinquenta anos no poder podíamos estar com uma governação mais robusta e incisiva. Todos nós como Moçambicanos devemos nos sentir culpados pela tragédia, cada um de nós devia ter contribuído, aqui não há inocentes todos nós somos construtores desta sociedade para que ela fosse melhor e quese humanizasse.

O Pesquisador do Centro de Integridade Pública (CIP), Baltazar Fael no âmbito da revista nacional na TV Sucesso disse que todas as realizações do governo acabam ficando ofuscado claramente com tantas mortes e de-

struição, o que marcou o ano 2024 foi o processo eleitoral em Moçambique, mas não concretamente no dia 9 de outubro, dia da votação.

Se formos a reparar desde o início da campanha eleitoral, preparativos e etc., o país quase que parou e isto tudo tem a sua razão de ser. A partir de 2023 as coisas começaram a mudar e aquilo que a acção cidadã dos Moçambicanos foi ganhando aso e o governo ficou alheio, que fosse justa e começar a preparar-se para este momento.

Sinais sempre existiam desde o ano passado estes sinais hoje estão a se materializar com aquilo que estamos a verificar, tudo que foi feito pelo governo foi ofuscado pela destruição e mortes. Mas o que marca claramente o ano 2024, este ciclo de governação é o presidente Filipe Jacinto Nyusi que foi a tragédia que o país está a viver hoje. Tudo que o governo tentou erguer tudo foi destruído, é altura para todos nos questionar que país queremos, esta não é uma acção apenas para os governantes, mas sim também para os aspirantes á governação porque não sabemos onde é que isto vai parar. Claro que

temos sempre um governo liderado pela Frelimo em Moçambique, temos um presidente que foi indicado “e não eleito” pela CNE, este presidente tem que procurar uma forma de juntar todos moçambicanos. Não sei se a solução para este país seria um governo da Unidade Nacional, não sei se a solução para este país é á Frelimo gov-

ernar, não sei se a solução para este país a solução é o Podemos governar mas tenho a certeza de que todos se revejam na partilha dos recursos.

Nota que neste país alguns se sentem mais donos que os outros, que somos iguais perante a lei isso é apenas uma questão formal na realidade não.

**Acompanhe-nos a par e passo. Assine no jornal Preto&Branco**



Luís Munguambe Jr



## LUTAR POR UMA CAUSA, NÃO PELA VIOLÊNCIA

Há algo profundamente paradoxal num movimento que luta pela dignidade e, ao mesmo tempo, se transforma num instrumento de destruição. Protestar contra a opressão não é apenas legítimo; é vital para qualquer sociedade que se queira justa. Mas, quando a causa se dilui em actos de vandalismo e violência gratuita, perde-se o foco. A energia que deveria ser canalizada para uma mudança significativa dissipa-se em actos que ferem os próprios cidadãos que pretendemos proteger.

Destruir infraestruturas privadas, bens que representam o esforço de outros cidadãos, é mais do que um erro estratégico: é um tiro no próprio pé. Que justiça há em queimar o pequeno comércio que mal sobreviveu a uma crise económica? Que mensagem enviamos ao quebrar janelas de quem, como nós, luta contra as adversidades do mesmo sistema que queremos combater? Cada tijolo derrubado dessas estruturas é uma oportunidade perdida de ganhar aliados, de somar forças.

Se é para destruir – e que fique claro, a destruição também é uma linguagem –, que o alvo seja escolhido com clareza e consciência. Que sejam as estátuas que glorificam opressores de outrora. Que sejam os edifícios públicos que simbolizam a corrupção, a má gestão e a inércia do poder. Não os bens privados que sustentam famílias, mas as estruturas que, ao longo do tempo, têm perpetuado as desigualdades e o sofrimento. Que seja o símbolo da opressão a cair, não o sustento de quem já pouco tem.

Mas o verdadeiro peso do caos muitas vezes vem de quem deveria proteger o povo. Quando a polícia, em vez de ser guardiã da ordem, transforma-se no braço armado da repressão, o protesto assume contornos ainda mais trágicos. Disparar contra o próprio povo é disparar contra a própria essência do serviço público. É uma traição ao juramento de proteger e servir. É a violência institucionalizada a revelar-se em toda a sua brutalidade, enquanto os que detêm o poder se escondem atrás das forças armadas, alheios ao

sangue que se derrama nas calçadas. O dedo que puxa o gatilho contra o manifestante não é apenas um acto de violência física; é um gesto que assassina a esperança, que perpetua o medo e que transforma a indignação em ódio. O que justifica que a polícia atire para matar aqueles que carregam nada além de cartazes e vozes? Que Estado é este que escolhe balas em vez de diálogo? É a personificação de um sistema que vê no povo não cidadãos, mas ameaças. As manifestações precisam de estratégia, não de impulsividade. Precisam de foco, não de destruição aleatória. E, acima de tudo, precisam de protecção, não de perseguição. A violência, seja de quem protesta ou de quem deveria manter a paz, é sempre um desvio do essencial. O protesto não é crime, e a repressão violenta nunca será justiça. Se há algo que a história nos ensina, é que o poder não pertence eternamente aos opressores. Quando o povo se organiza, a força das massas é imparável. Chegou o momento de apontar o foco não para a destruição

indiscriminada, mas para os alicerces do sistema que perpetua a opressão. Que tomem a Ponta Vermelha, símbolo de um governo surdo e alheio à dor do seu povo. Que os ministérios, membros essenciais desse corpo podre, sejam domados pela força popular. E, por fim, que o cérebro desse sistema – a elite corrupta e insensível – sinta o peso da justiça.

Que o povo tome o que é seu, não com ódio, mas com a força de quem acredita num futuro melhor. E que a polícia, se não estiver ao lado do povo, esteja pronta para enfrentar o julgamento não apenas das massas, mas da história. Porque, no final, a justiça sempre encontra os seus culpados. E a memória das vítimas será o farol que iluminará o caminho para a verdadeira liberdade. Por isso, ao lutar por uma causa, que fique claro: o objectivo não é destruir, mas reconstruir.

**Acompanhe-nos a par e passo. Assine no jornal Preto&Branco**



# Água da Namaacha

com gás

Água Mineral Natural Gaseificada  
Sparkling Natural Mineral Water



Água da Namaacha

com gás

Água Mineral Natural Gaseificada  
Sparkling Natural Mineral Water

330

Hamba Wakamane



## OS APITOS DA REVOLTA

Quando os homens das catanas entram em cena, trazem nos rostos a ausência de escolhas. Eles vêm como sombras obedientes a um comando que não compreendem. Ninguém os viu, porque não existem. Suas catanas em punho, brilham na luz fraca da noite, como se tivessem mais vida do que as mãos que as seguram. Dizem ser os prisioneiros que libertaram da cadeia, para moldar o caos. Mas, nem esses são. Porque outra voz, diz terem se evadido do centro prisional.

Um homem que escapa à prisão, não se exhibe; ele se esconde, desaparece. Mas, em vez disso, mostraram-se armados e organizados! Como foi possível, terem fugido e estarem juntos? Correndo risco de ser novamente recolhidos ou mortos.

À menos de três dias que se encontram em liberdade (condicional), onde encontraram dinheiro para se equipar

e tanta coordenação? De onde surgiu tanta sincronia? Talvez das mesmas mãos que os libertaram, iludindo-os com a promessa de uma pena reduzida.

O cenário que armaram é um teatro, dirigido por uma má direção, com atores improvisados e um roteiro infundado. Mas o objetivo é claro: espalhar o medo, desviar nossa atenção, nos calar. Querem governar sobre ruínas porque não sabem lidar com um povo vivo e consciente.

Foi sempre notória a intenção de eliminar a população, para não terem mais à quem governar, já que não conseguem, e nem mais vos queremos.

Quanto à polícia, sempre foi o braço obediente de quem dá as ordens. Não refletem, não questionam. Apenas seguem. Ordens que lhes foram dadas no desespero, sem reflexão. Não reflete porque a cega obediência é

mais fácil do que encarar o vazio que os guia.

Mas enquanto eles seguem ordens superiores, nós seguimos uma ordem maior: a de nos pertencer novamente. O som do apito não é apenas barulho. Ele é a contagem regressiva para o fim de uma organização criminosa, um bando de ladrões que se esconde detrás do poder. Que durante quase meio século, sugaram o país até deixá-lo na sala de reanimação.

Sabemos que esta luta, para nós, já está ganha. Porque quando um povo se torna maioria no seu destino, não há catana, bala ou ditador, que pode mudar o curso da sua história. Ainda que roubem os nossos bens, mesmo que nos tirem tudo de tangível, não conseguirão roubar o que nos move. Nada nos distrairá! Distraídos são vocês, que se esqueceram de derrubar o muro por onde dizem terem

saído os reclusos. E cada vigília que fazemos, é apenas para vos entreter. Porque julgam que com os serões, não teremos mais animosidade para manifestar. Nós já somos morcegos assumidos. Bebemos durante a noite, mas também somos vândalos, durante o dia.

Já vos tiramos as esquadras, até a próxima época, terão também, perdido o efectivo que empunha catanas e armas. Já decidimos, na liberdade que nos deram, quem nos deve governar e não entregamos a nossa vontade. Não temos aço nem chumbo. Temos o som que derruba paredes de arrogância, o grito de uma boca que não se cala, o canto de um peito que recusa a opressão. E será com apitos, esses pequenos instrumentos de som infinito, que os venceremos, e então, finalmente, entenderão: não nos agigantamos. Foram eles que nunca souberam ficar de pé.

**Acompanhe-nos a par e passo. Assine no jornal Preto&Branco**



## OPINIÃO



## O AZUL DO ÍNDICO

Afonso Almeida Brandão

UMA REALIDADE VERGONHOSA  
E DE PROFUNDA TRISTEZA

Os eleitores da **FRELIMO** deviam ter vergonha de serem tão primitivos. Estão sempre a votar no mesmo Partido há décadas. São como uma mula velha de venda nos olhos, à volta de uma nora antiga que já não se usa, a carregar água para os outros. Ou seja, ouro para os “**boys**” «**chuxalistas**» e os seus amigos nos negócios misturados com política, que atrasam e atolam Moçambique no fundo dos mais pobres da **CPLP**, quiçá, dos **PALOP’s** e mesmo da África Austral.

A **FRELIMO** é o contrário do Rei Midas. Tudo em que estes “**Metralhas**” tocam torna-se em lata para a esmagadora maioria dos Moçambicanos, mas não em ouro. A nossa Economia está transformada em ferro-velho, em vias de ser agora ultrapassada por outros países da **CPLP** nossos vizinhos, em termos de **PIB “per capita”**. O ouro à custa dos nossos impostos e dos Dadores Internacionais que nos têm ajudado, é desviado para os amigos dos negócios da **FRELIMO** e para alguns bolsos dos mais importantes governantes. Gente desavergonhada e pimba, não muito diferente dos anteriores Presidentes da República **Joaquim Chissano** e **Armando Guebuza**, que vai à lua pela **FRELIMO**, que tanto elogiam nos seus “**pasquins**”, **RM** e **TVM**. Isto, enquanto esses órgãos de Comunicação Social censuram e silenciam toda a Sociedade Civil inteligente. Na **RM** e na **TVM** dos novos “**metralhas**” só os “**boys**” da **FRELIMO** intervêm a auto-elogiarem-se.

Para a esmagadora maioria dos moçambicanos só ficam as latas vel-

has que dão prejuízo. Os impostos ou doações que recebemos da Europa, China e EUA desvanecem-se sem nada de útil em troca. Desde que o actual Presidente da República está no “**poleiro**” temos perdido tanta coisa que se torna já difícil de enumerar. Agora é (quase) tudo de estrangeiros e dos “**amigos dos negócios**” da **FRELIMO** e é por esta razão — sejamos francos e corajosos — que os “**metralhas**” não querem, de maneira nenhuma, entregar as “**rédeas**” do País a mais ninguém. A Fundação da Família do “**Mia-Mia**” **Couto** (além de “**outros obscuros negócios**” de outras empresas que por aí existem)... Os eleitores da **FRELIMO** deviam pedir desculpas à Nação. São lentos de compreensão: não compreendem que com a **FRELIMO** as suas **REFORMAS**, quando medidas em poder de compra, são cada vez mais poucochinhas. Não compreendem que ao votar **FRELIMO**, além de estragarem o seu Presente, estragam o Futuro aos seus filhos e netos, todos a terem de fugir de Moçambique — aqueles que podem, evidentemente — como refugiados económicos. De quase todos os países de África Austral...

Os eleitores da **FRELIMO** deviam corar por votar nos “**metralhas**” sem perceberem que isso é mau, até para a sua saúde. O Sistema Nacional de Saúde em Moçambique (**SNS**) está cada vez pior e de mais difícil acesso. Até alguns dos seus dirigentes estão horrorizado com a corrupção que corrói e destrói os serviços públicos. Só com seguros privados, em cima de impostos proibitivos, conseguimos

ser vistos em Moçambique por um médico especialista (e é preciso que ele esteja disponível!). No entanto, os eleitores da **FRELIMO** continuam a votar nesta “**cambada**” de mentirosos e ladrões do Erário Público, e a pagar impostos, sem perceber nem perguntar para quê. Os eleitores da **FRELIMO** são cobardes contra os “**boys**” «**chuxalistas**» que são os piores políticos do Continente Africano e sobretudo dos País que fazem parte dos **PALOP’s**. Mas são valentes no roubo, na mentira, das influências e no Tráfico de Droga...

Os eleitores da **FRELIMO** são gente moralmente reprovável que aprova um candidato como **Daniel Chapo** à Presidência da República do terceiro-mundista sem qualquer ética, porque o objectivo é dar continuidade ao Regime já de si podre e a “**cheiral mal**”. É vergonhoso ter um Comandante da **PRM** que dá ordens para que os seus Agentes da Polícias e Militares disparem a **matar** o povo moçambicano, sem dó nem piedade; e também que a **FRELIMO** pague a grupo de jovens para assaltar estabelecimentos e casas particulares de pacatos cidadãos que são do seu próprio Povo e que há décadas que tem vivido pobre e com fome, sem quaisquer vislumbre de horizontes... Os eleitores da **FRELIMO** deviam fazer penitência por permitirem um País tão pobre e com tão maus serviços públicos, como Moçambique é — e que não passava de um País do Terceiro Mundo, se não fossem as “**esmolas da Europa**”, dos **EUA** e de outros Organismos Internacionais — a “**abrir os cordões à bolsa**”

para pedintes “**metralhas**”... a verdade é que não sabemos, não, onde estaríamos todos neste momento...

Por causa de tais eleitores perdemos também mais de uma centena de Moçambicanos em idade produtiva e fértil, que emigraram para fugir deste pesadelo económico. Só não vão de barco insuflável como refugiados económicos de outros países porque têm vistos de entrada e passaporte em ordem. Os nossos emigrantes vão-se embora a voar, mas nem sequer na **LAM**, para quem tanto pagaram em impostos, usam agora as “**low cost**” ou outras alternativas em conta, **via Dubai**, Emirados Árabes. Só ficámos com a **LAM**, também a ser roubada e agonizante, para não dizer em situação destruída. A natalidade também está cada vez pior. Muitas crianças moçambicanas, filhas dos emigrantes, nascem lá fora e lá fora ficarão. Em adultos vão trabalhar e contribuir para as reformas de outros povos, cá haverá cada vez menos dinheiro para as reformas. Não há nenhum Juiz que queira combater a Corrupção com a coragem do político **Venâncio Mondlane** eleito pelo Povo mas roubado pela **FRELIMO** à “**boca das Urnas**”, para denunciar também a pressão que o terceiro-mundista **Filipe Nyusi** e **Adriano Maleiane** fazem sobre a Justiça?

As revistas, os jornais, a Rádio e a Televisão como **ZAMBEZE**, **DOMINGO**, **PÚBLICO**, **NOTÍCIAS** e **DIÁRIO DE MOÇAMBIQUE**, a título de exemplo, e demais órgãos tais como a **TVM** e **RM** que recebem o nosso dinheiro via **FRELIMO** têm sempre na capa grandes

investigações sobre tudo e todos menos sobre os «*chuxalistas*». Sem visão nenhuma, esta “*cambada de jornalistas*” só falam mal dos jornais SAVANA, CANAL DE MOÇAMBIQUE, EVIDÊNCIAS, DOSSIER & FACTOS e NGANI que sempre denunciaram as irregularidades e os desvios desta FRELIMO agarrada ao “poleiro” e que nunca soube governar Moçambique em prol do Povo. É uma Imprensa que questionam também os Partidos

que **NUNCA** poderam provar as suas potencialidades de governação, mas nunca os “metralhas”. Estão sempre quietos e mudos, como miúdos amedrontados, sobre todos os muitos pecados da FRELIMO.

Esses falsos pseudo-jornalistas, que são na realidade uma “treta” de propagandistas dos “metralhas”, deviam ter também vergonha. Enquanto Moçambique agoniza há cerca de cinco décadas, desaba economicamente,

com a inflação fora de controlo, só fazem grandes paragonas e acusações sobre partidos e instituições que não governam Moçambique.

Há até no Semanário conhecido pela CARTA DA SEMANA — dirigido por um tal jornalista desavergonhado de nome Marcelo Mosse, a “vomitar” editoriais de amor aos “Frelimistas” de Filipe Nyusi —, esse despesista irresponsável e incompetente, continuador de Chissano e de Guebuza

—, e a falar mal do político sério e de carácter, como Venâncio Mondlane.

E tudo isto para quê? Para que votam com tanto afinco os tais 70% de moçambicanos de eleitores da FRELIMO desde 1975? Ainda por cima com resultados fraudulentos, sabe Deus para que fins?!?... A culpa disto tudo é dos desavergonhados Eleitores que continuam a votar nos “metralhas” teimosos e tapados, como *hamsters*, sempre a andarem à volta da roda. A hora desta “gente” chegou ao fim da meta, felizmente...

**Acompanhe-nos a par e passo. Assine no jornal Preto&Branco**





ACOMPANHE-NOS A PAR E PASSO. ASSINE NO JORNAL PRETO&BRANCO.



## FICHA TÉCNICA

Director: Alexandre Mabasso

Projecto Gráfico: Julião Tsowo

Colaboradores:  
António Maputso

Idrisse Rubane  
Afonso Brandão  
Luís Munguambe Jr  
Laura Banze

E-mail: [jornalopovol@gmail.com](mailto:jornalopovol@gmail.com)

Preço: 50,00 Mt

Assinaturas mensais: Individual-300,00 Mt

Institucional -2,500,00 Mt

Embaixada e ONG's -3,500,00 Mt

Mulotana – Distrito de Boane,  
Matola - Moçambique